

VITRINE DE CURIOSIDADES

MEDALHA DE ACADÉMICO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Portugal, Lisboa

Casa João Anjos

Séc. XX

Metal e gorgorão

Pendente: D 7,5 cm x Prof.0,6 cm x P 178 g

Fita: C 120 cm x L 7,5 cm

MAH.R.2010.0496

Esta medalha, pertencente à Unidade de Gestão de Falerística do Museu de Angra do Heroísmo, foi atribuída ao escritor Vitorino Nemésio pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, estabelecimento de ensino onde lecionou as cadeiras de Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira e História da Cultura Portuguesa.

No seu averso, está materializado o selo da universidade em causa, anterior a 1983, rodeado pela legenda *UNIVERSITAS OLISIPONENSIS / AD LVCEM* - ou seja, o nome da instituição e a divisa que lhe serve de lema, uma máxima latina que significa *Rumo à Luz*. Ao centro está uma nau, navio com mais capacidade de carga do que as caravelas, desenvolvido pelos portugueses para as crescentes viagens de exploração e comércio durante os séculos XV e XVI. Sobre a nau, pousam duas aves, uma na proa e outra na popa, provavelmente os mesmos corvos que figuram no brasão de armas de Lisboa. A ladear a embarcação, duas colunas clássicas remetem para a matriz greco-romana da nossa Cultura.

Vitorino Nemésio (Praia da Vitória, 1901 - Lisboa, 1978) foi uma das personalidades mais emblemáticas da Literatura e da Cultura portuguesas do século XX, dada a qualidade da sua obra literária e a sua influência ao nível do panorama cultural, que extravasou em muito o magistério universitário. Poeta, contista, romancista, cronista, ensaísta, conferencista, colaborador assíduo de revistas e jornais, comunicador de rádio e televisão, a projeção da sua obra e da sua personalidade tornou-o um dos escritores mais importantes do século XX, estudado no seu país e no estrangeiro, em numerosas teses de mestrado e doutoramento.

Nemésio frequentou a escola primária na Praia da Vitória, o liceu em Angra do Heroísmo e estudou nas Universidades de Coimbra (onde chegou a cursar Direito) e de Lisboa. Ainda adolescente, foi aluno do Liceu da Horta durante um ano, estada que viria a revelar-se fundamental, uma vez que a cidade faialense e o seu enquadramento paisagístico e social inspirariam a ambiência do seu romance *Mau Tempo no Canal* (1944), que Vasco Graça Moura chega a reconhecer, ao lado de *Amor de Perdição*, de Camilo, e d' *Os Maias*, de Eça de Queirós, como uma das três obras-primas do romance português clássico. Também ficou na Memória o seu texto de 1932, intitulado «Açorianidade» (*Revista Insula*, 7-8, agosto), incluído depois em *Sob os signos de Agora* (1932), que assinalou o 5.º Centenário do Descobrimento dos Açores, e em que é utilizado, pela primeira vez, o termo “açorianidade” para definir o teor identitário regional, o qual vai ganhar especial projeção depois da criação do Governo próprio da Região (1976).